



ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO



COMUNHÃO, CONVERSÃO E RENOVAÇÃO MISSIONÁRIA



Carta Pastoral
e Propostas
Sinodais
a partir
do 1º sínodo
arquidiocesano
de São Paulo -
2017 a 2023

“Deus habita esta Cidade. Somos suas testemunhas”

Cardeal Odilo Pedro Scherer
Arcebispo Metropolitano de São Paulo
2023



Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer
Arcebispo de São Paulo

Estimados Bispos Auxiliares,
ao clero, religiosos/as, consagrados/as,
cristãos leigos e leigas
da arquidiocese de São Paulo

A graça de nosso Senhor, Jesus Cristo,
o amor de Deus Pai e a comunhão do Espírito Santo
estejam com todos!

Introdução

Dirijo-lhes esta carta pastoral no encerramento do 1º sínodo arquidiocesano de São Paulo, “*caminho de comunhão, conversão e renovação missionária*”, anunciado na solenidade de *Corpus Christi* de 2017 e celebrado até à solenidade da Anunciação do Senhor de 2023. O lema indicou a meta desse caminho sinodal: ser testemunhas do Evangelho do reino de Deus na cidade de São Paulo: “*Deus habita esta Cidade. Somos suas testemunhas*”.

A celebração do sínodo foi um ato de fé e confiança do santo povo de Deus e dos seus pastores desta Igreja Particular na ação do Espírito Santo, que invocamos sem cessar durante o sínodo. Ele é o animador e guia da Igreja de Cristo. Colocamo-nos à escuta do que o Espírito diz à nossa Igreja em São Paulo, perscrutando a palavra de Deus e da Igreja, a voz do povo e das circunstâncias em que nos encontramos. Deixamo-nos interpelar, como as Igrejas da Ásia Menor no início do Cristianismo: “quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas” (cf Ap 2-3). Procuramos discernir a voz do Espírito de Deus, que fala de muitas maneiras a quem se põe em atitude de escuta.

O tema do sínodo levou em conta, especialmente, as diretrizes do Documento de Aparecida (2007) e da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013). Mas também, os ensinamentos do Concílio Vaticano II e do Magistério mais recente da Igreja, especialmente do Papa Francisco e da Conferência Nacional dos

Bispos do Brasil (CNBB). No conjunto, tema e lema apontaram para a necessidade de uma profunda renovação missionária de nossa Igreja em São Paulo, das suas maneiras de existir e de agir.

Muitos passos foram dados nesse caminho sinodal. A Comissão de Coordenação Geral e a Secretaria do sínodo desempenharam um papel importante na organização das etapas de trabalho e dos subsídios necessários à realização de cada etapa. Contamos com a participação generosa dos Bispos Auxiliares, de muitos sacerdotes, religiosos, consagrados e cristãos leigos. Nos trabalhos sinodais, foi importante a participação dos Conselhos paroquiais e regionais de pastoral, das demais organizações pastorais e das associações de fiéis. Centenas de voluntários colaboraram na pesquisa de campo inédita, feita em todas as paróquias, sobre a situação religiosa e pastoral de nossa Arquidiocese (2018). A pesquisa e o levantamento paroquial foram um processo objetivo e metódico de escuta e de ir ao encontro da realidade religiosa e pastoral de nossa Igreja em São Paulo. Foi recolhida uma quantidade enorme de dados, depois avaliados nas reuniões sinodais, mas que ainda precisam ser levados em atenta consideração na fase pós-sinodal.

As diversas etapas do sínodo evidenciaram a riqueza de vida cristã e eclesial do povo e das comunidades e expressões organizadas da Igreja. Mas evidenciaram também desafios imensos, que precisam ser enfrentados com sabedoria, fé e fervor apostólico, para que nossa Igreja particular corresponda à sua missão nesta Cidade imensa, nos tempos difíceis, mas também cheios de possibilidades, que vivemos.

A assembleia sinodal arquidiocesana, inicialmente programada para 2020, precisou ser adiada por dois anos, por causa da pandemia de Covid 19. Felizmente, pudemos realizá-la sem novos problemas ao longo de 2022, em 7 sessões de trabalho. Tendo como referências a aplicação do tema e do lema do sínodo, o trabalho da assembleia resultou na elaboração de 118 propostas sinodais arquidiocesanas, para 25 campos pastorais diversos e complementares. Todas as propostas tiveram amplo consenso dos membros da assembleia, significando que elas representam um sentir comum do sínodo arquidiocesano e apontam para o trabalho pós-sinodal a ser realizado em nossa Arquidiocese. As propostas estão anexas a esta Carta Pastoral, tais como foram votadas pelos membros da Assembleia.

O sínodo arquidiocesano representou uma experiência eclesial enriquecedora para nossa Arquidiocese. Quando já estávamos bem encaminhados em nosso trabalho sinodal, fomos confirmados nos rumos escolhidos pela Papa Francisco, mediante a convocação do sínodo universal sobre a sinodalidade da Igreja, com o tema – “Igreja, comunhão, participação e missão” – semelhante ao tema do nosso sínodo arquidiocesano. E, agora, embora os trabalhos previstos para a realização do sínodo arquidiocesano já estejam encerrados, o sínodo não deve ser considerado como uma etapa superada.

Inicia-se o tempo pós-sinodal, voltado para a implementação das propostas e das orientações baseadas no sínodo. Aquilo que vimos, ouvimos e discernimos, deve ajudar nossa Arquidiocese a ser uma comunidade verdadeiramente sinodal: a caminho, em vez de estagnada; unida, em vez de dividida e dispersa no individualismo; participativa e dinâmica, em vez de centralizadora e clerical; missionária, em vez de fechada em si mesma; misericordiosa e acolhedora diante dos feridos e descartados deste mundo, em vez de insensível e indiferente diante das dores dos irmãos; vibrante de esperança e alegria, em vez de prostrada no desânimo e falta de fé.

Questões fundamentais para a implementação do sínodo

Com esta carta pastoral, desejo indicar algumas questões fundamentais, evidenciadas ao longo do caminho que fizemos juntos. Elas não se referem apenas a algum aspecto em particular da evangelização e da realidade pastoral, pois são transversais a todo o âmbito da vida eclesial. Por isso, elas devem merecer a atenção de todos, a prescindir das propostas voltadas para algum campo específico da vida pastoral. A atenção pastoral a essas questões ajudará a melhorar o conjunto da vida e ação da Igreja em nossa Arquidiocese. Cabe aqui recordar uma recomendação do Papa Francisco: mais que ações e agendas pontuais, devemos centrar nossas atenções e esforços nas questões que podem gerar processos e desencadear efeitos de média e longa duração.

Cabe agora a toda a Arquidiocese (Regiões e Vicariatos Episcopais, organismos de Cúria, Outros organismos e expressões eclesiais arquidiocesanas, paróquias, pastorais, associações eclesiais, movimentos, novas comunidades) fazer o processo de recepção das orientações e propostas do sínodo, para traduzi-las em novas

práticas de “comunhão, conversão e renovação missionária” de nossa Igreja em São Paulo. Da mesma forma que houve um envolvimento bonito das “bases” da vida eclesial nos primeiros encaminhamentos do sínodo, é indispensável que, agora, as orientações e propostas sinodais sejam acolhidas e refletidas por todos, iniciando-se logo um processo de implementação da “renovação missionária” de nossa Arquidiocese, grande “comunidade de comunidades”.

No final de cada tópico desta Carta, são sugeridas algumas perguntas que podem servir de guia para as reuniões dos Conselhos, grupos, organismos e organizações pastorais.

1. Viver a comunhão eclesial

Jesus pediu que a comunidade dos discípulos ficasse unida nele, como ele e o Pai estão unidos e, com o Espírito Santo, formam a comunhão de pessoas divinas. Assim, os membros da Igreja devem formar um só corpo bem unido; embora os membros, órgãos e funções do corpo sejam muitos, há uma única cabeça (cf Cl 1,18; 1Cor 12,27). Jesus pediu também que todos permanecerem unidos a ele, como os ramos à videira (cf Jo 15,1-11). E ensinou que, quando os discípulos estão unidos e se amam como irmãos, ele permanece no meio deles e se manifesta a eles (cf Jo 17,20-26).

A comunhão é essencial à Igreja e lhe confere vigor e credibilidade. As divisões, ao contrário, enfraquecem a Igreja, dificultam sua missão e fazem perder sua credibilidade. Por isso, devemos “guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Há um só corpo e um só Espírito, como também é uma só a esperança à qual fostes chamados. Há um só Senhor, uma só fé, um só Batismo, um só Deus e Pai de todos, acima de todos, no meio de todos e em todos” (Ef 4,3-6).

A comunhão na Igreja vai além da simpatia e das afinidades ideológicas, das questões raciais, étnicas, sociais e culturais. É questão de fé cristã e de fidelidade a Cristo e à Igreja, da qual fazemos parte. Convido todos a viverem a comunhão eclesial a partir da fé sobrenatural e a zelarem pela comunhão interna na Igreja, em todos os sentidos. Somos unidos pelos laços do amor de Deus, na família da Igreja, nas suas múltiplas expressões locais e na sua universalidade. Temos a mesma Palavra de Deus, a

mesma Eucaristia, a mesma missão de testemunhar o Evangelho no mundo. Não cabem divisões no corpo da Igreja.

Numa Igreja-comunhão, todos membros são chamados a testemunharem a comunhão eclesial, evitando tudo o que possa introduzir divisões ou feridas na comunidade eclesial. Incentivemos e promovamos tudo o que possa contribuir para viver a comunhão na Igreja: os momentos de celebração e de confraternização, a atenção recíproca, o serviço e as reuniões pastorais, os diversos Conselhos e organismos de comunhão e participação na vida eclesial e em suas responsabilidades.

Cultivemos a comunhão visível na profissão da mesma fé, na oração em comum, na dedicação aos pobres, enfermos e todos os necessitados; celebremos a comunhão na Eucaristia dominical em torno do altar de nossa igreja paroquial, expressão sacramental da comunhão com Cristo e na Igreja. Vivamos a comunhão efetiva com o Papa, o Bispo e o Pároco, ministros da comunhão na Igreja em diversos níveis.

Como podemos cultivar e aprofundar a comunhão eclesial em nossas paróquias, comunidades, associações e grupos eclesiais? Que iniciativas concretas podem ser promovidas para crescer na comunhão eclesial?

2. Crescer no senso de pertença à Igreja e na identidade católica

“Vós sois de Cristo e Cristo é de Deus” (1Cor 3,23). O sínodo confirmou o que já se suspeitava: os católicos de São Paulo estão pouco ligados à Igreja. Na média, apenas cerca de 6% deles frequentam a Igreja regularmente para a oração em comum, para ouvir a palavra de Deus e participar da Eucaristia. Outros 24% dos católicos vão esporadicamente à Igreja, mas sentem-se pouco ligados a ela. Os restantes 70% dos irmãos católicos não frequentam a Igreja e, por isso, dela nada recebem e já não se identificam com ela. Isso é um problema sério e tem consequências para o futuro da sua fé e para a vida da Igreja.

O que pode ser feito em nossas famílias e comunidades em favor desses nossos irmãos, que deixam de participar da comunidade de fé e caminham sozinhos, ou em outras companhias, fora da nossa comunidade de fé? É frequentando a Igreja que se recebe o alimento da fé, o estímulo para a perseverança, o discernimento

comunitário, à luz da fé, sobre os desafios diários da vida. É na comunidade de fé que se caminha com segurança e se partilham “as alegrias e tristezas, angústias e sofrimentos” e se recebe o bálsamo da consolação em Cristo e da esperança cristã. Quem se afasta do convívio da comunidade e se isola, fica fragilizado e se expõe a numerosos perigos.

A pesquisa para o sínodo mostrou que há um grande desconhecimento dos católicos em relação à Igreja e isso equivale também a um distanciamento em relação à Igreja. Como amar, o que não se conhece? Vale o adágio popular: “não se ama o que não se conhece”. E que dizer, quando o conhecimento é apenas exterior e distante, mais dos defeitos humanos da Igreja que das maravilhas que a graça de Deus opera nos Santos e em tantas pessoas sinceras e dedicadas no serviço de Deus e do próximo?

É preciso conhecer mais nossa Igreja “por dentro”, participando dela. A Igreja, como um todo, e em cada uma de suas comunidades e expressões, não é uma simples organização humana, uma simples “ONG do bem”: ela é “casa de Deus” e “habitação do Espírito Santo” (cf Ef 2,22). Somos membros do corpo de Cristo e pedras vivas do templo espiritual, que é a Igreja do Deus vivo (cf 1Pd 2,5). Sem fixar nossa atenção apenas nos defeitos das pessoas eclesiais que conhecemos, é preciso conhecer mais e melhor a vida dos Mártires e dos Santos, que são os grandes cristãos e os membros mais qualificados da Igreja. Como precisamos crescer na fé e no amor à Igreja! Ela é o povo, ao qual pertencemos por laços sobrenaturais, nossa família espiritual, nossa mãe.

Lamentavelmente, somos também uma comunidade de pecadores, que muitas vezes dão o mau exemplo e escandalizam os outros. Mas somos todos chamados à conversão pessoal e comunitária ao Evangelho e aos caminhos de Deus, ao longo da vida inteira. Confiamos Naquele que é o Santo e que nos chamou a sermos santos (cf 1Pd 1,15). Ele nos concede sua graça cada dia. Fiel ao Evangelho, a Igreja nos ensina a sermos sinceros, honestos, justos e misericordiosos para com todos, atentos e prontos para socorrer o próximo que sofre, sem discriminação de ninguém.

O chamado à santidade é a vocação de todos os cristãos e faz parte da identidade da Igreja. Quem deseja ver Deus precisa caminhar na santidade, vivendo a comunhão com Deus e o amor para com os irmãos. São João Paulo II, no início do novo milênio, ensinou que a busca da santidade deveria ser o grande programa

pastoral do 3º milênio cristão. Isso requer o crescimento na fé e na fidelidade a Deus, a superação da surdez e indiferença em relação a Deus. Requer a vivência das virtudes humanas e cristãs, sobretudo o amor ao próximo, e o cumprimento dos nossos deveres sociais e religiosos.

Que fazer para que os paroquianos conheçam mais a própria Igreja e participem com alegria da sua comunidade de fé? Que iniciativas podem ser desenvolvidas nas comunidades e organizações da Igreja para que os católicos amem sua Igreja, malgrado suas limitações e falhas humanas? Que consequências deve ter para a vida de cada fiel esta parte do Credo: “creio na Igreja una, santa, católica e apostólica”?

3. Promover a conversão e a renovação missionária

Recentemente, na sua viagem ao Congo e ao Sudão do Sul, o Papa Francisco falou aos jornalistas que nossa Igreja não é uma “empresa multinacional de bens espirituais”. Muitas vezes, porém, somos vistos assim. Talvez nós mesmos também passamos essa impressão sobre a Igreja. Nossas paróquias e comunidades, muitas vezes, se parecem com “unidades de serviço religioso e social”, à disposição de quem deseje usufruir de seus serviços. E ficam esperando quem as procure para algum atendimento: uma missa, um batizado, um casamento, uma bênção, uma vela, uma esmola, uma cesta básica... As pessoas são estimuladas a darem seu dízimo e a cumprirem seus deveres. E assim, o povo acaba vendo a Igreja como “coisa do clero”, sentindo-se pouco ou nada ligado à sua vida e missão. Passamos a ideia de sermos uma instituição pronta, fixa, estabelecida, que só precisa ser cuidada e administrada. Será que vai bem essa maneira de ver a Igreja, ou de nos vermos? Naturalmente, devemos fazer tudo isso e mais algumas coisas, mas falta algo essencial.

A Igreja existe para a missão e precisamos reconhecer que, na prática, somos uma Igreja pouco missionária. Por isso, corremos o risco de perder a vitalidade, de envelhecermos e de nos fecharmos em nós mesmos. Olhemos para nossas comunidades: a quantas anda o espírito missionário e o interesse em transmitir a fé aos outros? Que trabalhos se fazem para ir ao encontro “das ovelhas perdidas e distantes” do rebanho de Jesus (cf Jo 10,16)? Dos católicos desvinculados da Igreja, ou “desigrejados”? Qual é o trabalho com adolescentes e jovens? Com a catequese? Com as missões “ad gentes” – para além de nossas fronteiras?

Somos chamados a uma conversão, muito necessária: a conversão pastoral e missionária em nossa Igreja. O sínodo arquidiocesano fez-nos ver que necessitamos de uma profunda “conversão e renovação missionária” em nossa Arquidiocese. A fé, geralmente, já não se transmite mais apenas por costume e tradição social. O fato é que muitos irmãos católicos, embora batizados, desconhecem inteiramente a sua fé e a prática da vida eclesial e não participam desta vida eclesial. Muitas crianças de nossas famílias já não recebem mais o Batismo, nem participam da catequese de iniciação à vida cristã. Os casamentos religiosos diminuíram drasticamente e as práticas da piedade popular pessoal e em família vão desaparecendo. Este estado de coisas requer um renovado esforço missionário em nossas próprias comunidades e estruturas eclesiais. Nossa Arquidiocese, nossas paróquias e comunidades tornaram-se “terra de missão”. O que fazer para que aconteça uma verdadeira conversão e renovação missionária nas nossas comunidades?

A Conferência de Aparecida nos chamou a atenção para essa realidade já em 2007, recomendando que não podemos contentar-nos com uma pastoral “de mera conservação”. Com palavras semelhantes, escreveu o Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013). Ao nosso redor, cresce o número daqueles que se tornaram religiosamente indiferentes e descrentes, mesmo tendo raízes católicas. E há que lembrar que o Evangelho não é destinado só para os cristãos, mas para toda pessoa, amada por Deus, e por quem Jesus derramou o seu sangue redentor na cruz. Nossas comunidades precisam reencontrar o ardor missionário, que as impulse a transmitir aos outros, ao seu redor, a “herança espiritual” que receberam da Igreja! A Igreja somente se renovará quando se tornar mais missionária. Como reavivar em nossas paróquias e outras expressões de vida eclesial o trabalho missionário?

Como pode ser promovida uma verdadeira conversão missionária em nossas paróquias e comunidades? Como alcançar os batizados, membros da nossa Igreja, mas distanciados dela? Como ir ao encontro das muitas situações de dor, sofrimento e exclusão, levando a boa nova do Evangelho e o testemunho de uma comunidade samaritana para elas? Como trazer “sangue novo” para nossas comunidades, por vezes, cansadas e envelhecidas?

4. Tornar mais missionárias nossas comunidades eclesiais

É necessária uma urgente e profunda renovação missionária em nossas comunidades, pois Jesus Cristo fundou a Igreja para anunciar e testemunhar o Evangelho. Ela existe para a missão e, se não for missionária, deixará de ser a Igreja que Cristo quis. Por isso, a renovação missionária é questão de autenticidade e de fidelidade da nossa Igreja a Jesus Cristo. Não podemos compreender-nos como uma instituição que apenas se mantém e que já fez o que tinha que fazer. Em cada um dos seus membros, ela está em constante saída missionária, enviada ao encontro das pessoas e situações do mundo, como servidora do Evangelho e testemunha de Jesus Cristo e do reino de Deus.

A Arquidiocese de São Paulo é uma imensa “comunidade de comunidades missionárias” nesta Metrópole. E também cada paróquia é comunidade de comunidades e de múltiplas expressões missionárias. Toda organização administrativa e pastoral deve estar, antes de tudo, a serviço da vida e da missão da Igreja. O anúncio e o testemunho do Evangelho a todos, de muitos modos, são sua primeira e mais importante missão. É sua missão incessante, ajudar as pessoas a encontrarem Deus e se abrirem a ele mediante uma vida condizente com Deus.

Como comunidades eclesiais missionárias, precisamos preparar pessoas para os múltiplos aspectos da missão. Não será missionário, quem não é discípulo. Por isso, a boa formação cristã é imprescindível para crescermos como comunidades eclesiais missionárias. Não é só questão de formação intelectual, mas de uma experiência profunda do encontro com Deus, por Jesus Cristo, no dom do Espírito Santo. Formar bons cristãos, com a Palavra de Deus no coração, cheios de amor a Deus e ao próximo, eis a questão fundamental.

No desempenho da missão, a catequese inicial e permanente, e a constante boa formação nos ensinamentos da Igreja devem ocupar um lugar central na vida de cada comunidade da Igreja. Isso requer preparar lideranças, oferecer formação ao povo, sobretudo nos tempos fortes do Advento e da Quaresma, retiros querigmáticos para jovens e adultos, ainda pouco ou nada iniciados na fé e na vida cristã.

A atenção caridosa aos pobres, enfermos, idosos e a todos os necessitados, bem como aos enlutados é parte prioritária do serviço missionário estável e constante, que precisa estar organizado em

cada comunidade da Igreja. As visitas domiciliares regulares são importantes e precisam ser promovidas sistematicamente nas paróquias. Pessoas podem ser preparadas especialmente para o ministério da visitação em cada paróquia. É preciso ir ao encontro daqueles que, por diversos motivos, não participam da vida da Igreja. A pesquisa feita no início do sínodo, em 2018, revelou que muitos católicos sequer conhecem o nome da própria paróquia, ou o endereço de sua igreja. Quanto campo missionário a ser trabalhado com urgência!

Na ação missionária, nunca podemos esquecer o vasto campo do mundo, onde o Evangelho ainda não foi anunciado, ou onde já foi esquecido de novo. Cada comunidade da Igreja, que já vive a alegria da fé e da esperança, precisa preocupar-se com a ação missionária entre as pessoas ainda não evangelizadas e apoiar, de muitas maneiras, o trabalho dos missionários que partem para “além fronteiras”.

As paróquias de nossa Arquidiocese são chamadas a assumir seu papel preponderante na vida e missão da Igreja. Elas são expressão local daquilo que a Igreja é no seu todo. São realidades de comunhão e ação missionária. O Documento de Aparecida as define como “lugares de formação de discípulos missionários” (cf DAp nº 301-313); elas são comunidades de comunidades, de famílias, pequenas comunidades, movimentos e outras realidades e expressões eclesiais. Tendo à frente os sacerdotes, com os Conselhos e lideranças corresponsáveis, elas são realidades riquíssimas e dinâmicas de vida eclesial concreta. Sem a conversão pastoral e a renovação das paróquias, a Igreja como um todo não se renova.

Que fazer para que nossas paróquias e demais expressões de vida eclesial sejam, de fato, comunidades missionárias, vivas e dinâmicas? Que iniciativas missionárias precisam ser desenvolvidas com maior urgência na paróquia?

5. Participar da vida e da missão da Igreja

A partir do Batismo, participamos da graça divina e da vida da Igreja. Nossa participação na Igreja, antes de se traduzir na realização de tarefas e ações, expressa nossa condição de membros da Igreja. Participar é tomar parte nos bens da Igreja e em sua missão. Mais que um dever, é um direito e um privilégio,

nossa participação na Igreja é graça, que decorre do fato de sermos filhos de Deus e membros da família de Deus. Somos o povo santo de Deus, reunido em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (cf LG 4); e temos parte na santidade da Igreja, nos méritos dos Santos e nas promessas de Deus.

Participar da Igreja quer dizer fazer parte da Igreja. Todos os batizados são chamados a ter parte nos bens da fé eclesial, nos bens espirituais e sobrenaturais da comunidade eclesial, a se alimentar da Palavra de Deus, a acolher e celebrar os Mistérios da fé nos Sacramentos. Daí é que a “participação” na vida da Igreja é dom de Deus e um verdadeiro privilégio que nos é dado a partir do chamado à fé. Participamos também da esperança cristã, que orienta nossa vida e nossos passos para o encontro definitivo com Deus, para termos parte na vida eterna e no bem da salvação.

Como é importante redescobrir o significado da participação de todos na vida eclesial! É preciso superar certa relação individualista e mercadológica com a Igreja, como se ela fosse propriedade do clero, uma rede de serviços religiosos úteis para certas circunstâncias da vida. A participação precisa levar à renovação das expressões da vida comunitária em nossas paróquias. Todos os batizados devem “ter parte” e ser ajudados a compreender isso.

E assim entendemos melhor também o segundo sentido da participação, que é ter parte nas responsabilidades da vida e missão da Igreja. Muitos poderão participar de ações e responsabilidades específicas na comunidade eclesial, conforme dons e carismas recebidos. O Espírito Santo distribui com largueza seus dons e carismas a todos os membros do corpo eclesial, para serem desenvolvidos e colocados a serviço da vida e missão eclesial.

Como fazer para que nossas comunidades, em todas as suas expressões, se tornem verdadeiramente participativas? O que fazer para que todos os católicos tomem parte na vida da Igreja e ninguém fique distante ou excluído dela? Como valorizar as muitas formas de participação, a partir dos dons de cada membro da Igreja?

6. Valorizar a Liturgia do Domingo, Dia do Senhor e da Igreja

O Domingo é, por excelência, o dia da Eucaristia, da Palavra de Deus e da Igreja. Esta torna-se visível na celebração da Eucaristia pela comunidade de fé no Domingo, Dia do Senhor. Em nenhum

outro momento ou situação compreendemos tão bem que a Igreja é, aqui e agora, a comunidade dos discípulos de Jesus, reunidos com ele, na unidade da Trindade Santa.

Na Eucaristia, o mistério da fé que professamos com palavras, é celebrado de modo ritual, com gestos, palavras, hinos, atitudes e simbolismos. É sempre o Pai que nos reúne o Filho que nos convoca e instrui com sua palavra e nos alimenta com o Pão da vida, e o Espírito Santo que age e dá eficácia à ação sacramental que a Igreja realiza. Na celebração da Eucaristia formamos uma comunhão de fé e amor, comunidade fraterna, sem distinção nem discriminação, e somos animados a professar a fé e a vivê-la no testemunho diário. Na celebração da Eucaristia dominical, a comunidade de fé é novamente enviada para as suas múltiplas missões no meio do mundo. A partir da Eucaristia dominical, o povo de Deus dispõe-se para a caridade pessoal e comunitária.

Talvez não seja necessário lembrar que a celebração da Liturgia dominical deve ser bem preparada, em todos os seus aspectos, por quem preside e pelos que participam da equipe de celebração. É necessário preparar bem os cantos, e que sejam adequados à Liturgia. Os leitores e demais servidores da celebração devem fazer bem a sua parte, em benefício da comunidade celebrante. É necessário retomar a formação litúrgica do povo todo, como orientou o Papa Francisco (*Desiderio desideravi*, 2022). Os horários das celebrações da Missa dominical precisam ser adequadas e suficientes para que o povo possa cumprir bem esse seu dever. Também vale a pena recordar que é importante fazer uma boa acolhida das pessoas e criar um ambiente de fé e fraternidade para a celebração.

O Domingo é, por excelência, o dia da comunidade. Por isso, devem ser evitadas as celebrações “privadas” de grupos, a não ser em ocasiões especiais. De fato, no Domingo, todas as pessoas, famílias e grupos de todo tipo deveriam reunir-se e celebrar na grande comunidade, cultivando os laços de comunhão eclesial, a fraternidade e o senso de pertença e participação na Igreja, povo santo de Deus. Além disso, quem mais recebeu em dons, carismas e formação cristã, não deve isolar-se em grupos seletos, mas oferecer seus dons e sua participação generosa nas mais variadas necessidades pastorais da paróquia, a grande comunidade de fé, que necessita desses dons e carismas para o seu bem e crescimento.

A preparação para a celebração dominical já pode começar na família, com uma oração da manhã e uma das leituras da missa dominical em família. Muitas famílias já fazem isso e, assim, as crianças e adolescentes, são envolvidos desde logo na oração em comum, feita em família, que depois vai se estender à Missa na comunidade paroquial. Após a missa dominical, as comunidades paroquiais também pensem em criar e oferecer um momento de convívio fraterno, para criar maior entrosamento entre os participantes da Missa dominical. Isso pode trazer muito fruto para a vida das comunidades. Se queremos renovar a vida das nossas comunidades eclesiais, demos maior valor à Missa dominical, centro da semana.

Pela pesquisa do sínodo e o levantamento paroquial (2018) ficou claro que a participação dos católicos na Missa dominical em São Paulo é muito baixa. Os católicos que participam da missa regularmente nos domingos e dias santos de guarda não passam de 6% do total de católicos da Arquidiocese. Por quais motivos isso acontece? A vida cristã, é verdade, não se resume à participação na Missa dominical. Mas sem essa participação a vida cristã desaparece. Em todas as igrejas paroquiais, além disso, deve ser oferecido, ao menos, um horário de missa diária durante a semana. Mesmo com poucos os participantes, é importante que isso seja feito, em horário adequado à participação do povo. A divulgação da missa diária nas paróquias ajudará a aumentar a participação do povo.

Não basta lamentar que o Domingo tenha sido assimilado pelas mais variadas ocupações e propostas de lazer ou trabalho da sociedade de consumo. Precisamos pensar concretamente como os católicos podem recuperar o sentido cristão do Domingo e da participação na celebração da Eucaristia. A participação na missa dominical segue sendo um dever para todos os católicos que não estejam legitimamente impedidos de o fazer. Que fazer, para recuperar o sentido cristão do Domingo, Dia do Senhor e da Comunidade? Que fazer para que isso aconteça na prática?

7. Ser testemunhas de Deus na Cidade: a missão dos leigos

Antes de se elevar ao céu, Jesus encarregou os apóstolos e a Igreja de serem suas testemunhas no mundo: “sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e na Samaria, até os confins da terra” (At 1,8). O testemunho missionário dos cristãos

é exercido mediante a vida cristã assumida em todas as suas dimensões. Nesse sentido, precisamos valorizar os sinais externos de nossa presença na cidade de São Paulo. Que cada igreja, capela, colégio, instituição e organização católica manifeste “o bom perfume de Cristo” no seu espaço e ambiente (cf 2Cor 2,15). A caridade misericordiosa, pessoal e comunitária, é um grande testemunho do Evangelho.

Proclamamos que “Deus habita esta Cidade e que somos suas testemunhas”. Isso não é frase de efeito, nem palavra vazia, mas profissão de fé e reconhecimento da missão que nos cabe. Por isso, a presença da Igreja, instituição e pessoas, deve fazer alguma diferença na cidade, no bairro, quarteirão, condomínio e ambiente onde se encontra. A presença dos católicos e dos elementos simbólicos da nossa fé (os sinais, templos, capelas, casas religiosas, obras sociais, escolas e instituições de educação etc) deve irradiar a luz, o sal e o fermento do Evangelho nos espaços e ambientes da cidade de São Paulo.

Nesse sentido, é desejo valorizar a presença e participação dos **cristãos leigos** na vida da Igreja e em todas as instâncias da vida social e nas responsabilidades sociais e públicas. Esse é o lugar privilegiado para o exercício da sua vocação dos cristãos leigos, como “missionários do Evangelho no mundo”. São eles que vão levar “o bom perfume de Cristo” aos ambientes mais diversos do convívio e da ação humana, inserindo a luz, as sementes e o bom fermento do Evangelho do reino de Deus nas estruturas do mundo e contribuindo para a edificação do convívio humano na justiça, paz, solidariedade e respeito.

Que imensas possibilidades os leigos têm para exercerem sua missão! Mas em nossas comunidades, eles devem receber o alimento da fé, o estímulo, a formação e o acompanhamento pastoral. É preciso que nossas comunidades dediquem especial atenção à formação cristã dos leigos. Precisamos promover métodos viáveis de formação dos leigos para sua ação no mundo, segundo as suas múltiplas capacidades, dons e carismas. Os leigos também são corresponsáveis pela vida interna da Igreja, onde participam, de muitos modos, da vida e missão da Igreja, segundo as suas competências próprias. O Papa Francisco, falando aos Presidentes das Comissões Episcopais para o laicato e os referentes nacionais das organizações laicais (18.02.2023), disse que a Igreja é “o povo de Deus em missão” e que “os leigos não são hóspedes da Igreja”, mas membros a pleno título. Quanto ainda precisamos caminhar nessa direção!

Nossas comunidades precisam renovar a formação de suas lideranças para animar a evangelização e a vida pastoral, e isso é missão preponderante dos párocos e demais sacerdotes. Como fazer isso? Quantas iniciativas e momentos de formação, propriamente ditos, são oferecidos ao povo durante o ano? O que pode ser feito para que nossas comunidades paroquiais e as demais expressões de vida eclesial sejam “testemunhas de Deus na cidade” de maneira mais clara e eloquente? Todos os cristãos são discípulos de Jesus e dele receberam a missão de serem suas testemunhas. De que maneira os cristãos leigos podem melhorar o seu testemunho cristão na cidade de São Paulo?

8. Priorizar a catequese e a formação cristã

A catequese é o processo da iniciação à vida cristã e do progressivo aprofundamento e amadurecimento na vivência da fé. Embora relacionemos, geralmente, a catequese com a infância e a adolescência, o processo catequético estende-se a todas as idades. Sem deixar de concentrar os maiores esforços à boa catequese na infância e adolescência, é preciso dar uma atenção especial também à catequese de adultos.

A pesquisa do sínodo revelou que a catequese anda em crise e precisa ser retomada e aprofundada em nossa Arquidiocese, em todas as suas paróquias e demais expressões de vida comunitária. O número de crianças que participam da catequese fica bem distante do número de crianças em idade de catequese das famílias católicas das paróquias. Provavelmente, trata-se de crianças e adolescentes que ficarão sem catequese alguma. Por haver poucas crianças e adolescentes, geralmente, também há um número reduzido de catequistas nas paróquias. Há disparidade nos tempos da catequese sistemática antes dos sacramentos de iniciação à vida cristã e uma grande diversidade de métodos e de material de apoio à catequese, nem sempre com a necessária supervisão de quem é responsável pela catequese: o pároco e o bispo.

A catequese é essencial no processo de evangelização, na transmissão da fé cristã e na gradual iniciação e inserção na prática da fé e da vida eclesial. Sem uma boa catequese, o futuro da transmissão da fé e da vida eclesial fica seriamente comprometido. Por isso, como propósito sinodal, cada paróquia avalie como está a sua catequese, em relação ao número de catequistas e se

o número de catequisandos é adequado ao número de membros da paróquia. Avalie também os espaços físicos reservados à catequese, os horários oferecidos, os materiais e os métodos adotados. Poderá ser necessário um “mutirão catequético” na paróquia, para oferecer a participação na catequese a um maior número de interessados: crianças, jovens e adultos. Observo que a catequese feita em escolas e colégios também precisa ser acompanhada pelo Pároco; para ser adequada, também essa catequese precisa levar a uma progressiva inserção na vida da Igreja nas comunidades paroquiais.

A Arquidiocese de São Paulo assume o propósito de reorganizar a catequese, mediante a ajuda da coordenação arquidiocesana e regional, reelaborando as diretrizes arquidiocesanas para a catequese. Desejo destacar o papel insubstituível do Pároco na animação e coordenação da catequese em cada paróquia. Mediante uma Escola Catequética, a Arquidiocese propõe-se a oferecer boa formação aos catequistas. Muitos deles poderão, aos poucos, também receber o ministério laical de catequistas, conforme orientações da Igreja (Carta Pontifícia *Antiquum Ministerium*, CNBB e orientações arquidiocesanas). Para assegurar melhor qualidade e unidade à catequese, a Arquidiocese propõe-se igualmente a adotar um material catequético adequado para as paróquias.

Que fazer, para dar à catequese a importância e o espaço que ela precisa ter em nossas comunidades? Como alcançar as crianças e adolescentes de famílias católicas e os adultos, que estão fora da catequese?

9. Valorizar a família, Igreja doméstica

A família foi sempre muito importante na vida e missão da Igreja. Isso já aparece no testemunho da Igreja apostólica. São Paulo elogia a fé de Timóteo, recebida da sua mãe Eunice e da avó Loide (cf 2Tm 1,5). Ao longo dos séculos, as famílias cristãs foram as principais zeladoras e transmissoras da fé às novas gerações. Hoje, a instituição familiar passa por sérias crises, que não poupam muitas famílias católicas. A Igreja não as desconhece e quer estar perto das famílias em suas dificuldades para ajudá-las. E, também aquelas famílias que têm problemas e cuja constituição não está em conformidade com o ensinamento

da Igreja sobre o matrimônio e a família, são amadas por ela e são chamadas a viver a fé no núcleo familiar e a transmitir a fé aos filhos.

A família cristã, que vive e testemunha a fé, é a célula básica da vida eclesial. Onde dois ou mais estão reunidos em nome de Deus, rezam, praticam a caridade e as virtudes do Evangelho, aí estão presentes elementos importantes da vida eclesial. Precisamos valorizar os elementos da religiosidade, da oração, da caridade e da vivência da fé na “Igreja doméstica”. A família, porém, não basta a si mesma, mas precisa inserir-se na vida da grande comunidade eclesial e caminhar com ela. Da comunidade de fé, a família recebe o alimento da fé, a solidariedade fraterna e o estímulo da caridade, da esperança e o apoio dos irmãos. Por isso, é importante que as famílias sejam chamadas e acolhidas e participem ativamente na vida das comunidades paroquiais e nas diversas iniciativas da vida eclesial.

Dos casais e famílias cristãs, a Igreja espera que vivam e testemunhem a fé, encaminhem os filhos para o Batismo e, já em família, façam a progressiva iniciação e inserção na vida cristã e eclesial. Que se valorizem os momentos de devoção e os gestos de piedade popular em família, envolvendo nisso os filhos, desde pequenos. As orações e testemunhos de fé aprendidos em família não se esquecerão mais. Os pais não deixem de ensinar aos filhos pequenos as primeiras orações e gestos da fé; levem os filhos à Igreja e os encaminhem à catequese na comunidade paroquial. Felizes, aqueles pais que acompanham seus filhos nos primeiros passos de sua inserção na vida cristã e eclesial. E, mais felizes ainda, se os acompanham até à participação plena na vida eclesial, mediante a crisma e o matrimônio cristão!

Da parte das comunidades da Igreja, não se deixe de organizar a pastoral da família, dos adolescentes e jovens. Sem jovens, o futuro da Igreja fica comprometido! É necessário que haja uma atenção carinhosa às famílias, sobretudo àquelas que passam por maiores dificuldades. Que haja um acompanhamento acolhedor aos jovens, para que sintam a Igreja como sua casa e sua família. É necessário falar-lhes sobre o matrimônio e a formação de uma família cristã, valorizando a vocação ao casamento e à família. Nas paróquias, seja feito um trabalho sério para destacar o valor e a beleza da celebração do matrimônio cristão na própria comunidade de fé, não cedendo facilmente à mercantilização da celebração do matrimônio e aos modismos do momento.

A aliança entre Igreja e família é de grande valor para ambas as partes. Da Igreja, a família recebe amparo e sustento na fé, orientação para a vida humana e cristã e um ambiente de partilha e convívio enriquecedor. E a família, que é parte da Igreja, presta um serviço importante ao testemunho e à transmissão da fé às novas gerações. Que essa aliança se renove e fortaleça em nossas comunidades.

Na sua paróquia e comunidade existem quais iniciativas para dar suporte e formação às famílias? Para preparar os jovens em vista do casamento? Que iniciativas podem ser desenvolvidas para acolher as famílias na Igreja? O que as famílias precisam fazer para serem verdadeiras “Igrejas nas casas”?

10. Promover a caridade pessoal e comunitária

A vida cristã e eclesial é fruto do amor de Deus e deve se expressar no amor a Deus e ao próximo, conforme recomendação de Jesus aos apóstolos: “Nisto conhecerão todos que vós sois meus discípulos: se tiverdes amor uns para com os outros (...) Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (cf Jo 13,35; 15,12). Amor a Deus e ao próximo são inseparáveis. Nossa fé mostra-se verdadeira, e não vazia, quando ela “opera pela caridade” (Gl 5,6). A prática da caridade não é opcional para os cristãos, mas um “mandamento” de Jesus para todos os seus discípulos (cf Jo 13,34-35; 15,17).

São Paulo reconhece que, numa comunidade, podem existir pessoas com dons, capacidades e responsabilidades diversas: ser apóstolo, profeta, mestre dos outros na fé, fazer curas e outros milagres, falar e interpretar línguas diversas. Podem também existir pessoas muito religiosas, parecendo ter fé, ou que fazem muita benemerência e até praticam atos heroicos Mas se tudo isso não for motivado pela caridade sincera, de nada vale, servindo só para a vaidade própria. Entre as virtudes da fé, esperança e caridade, a maior delas é a caridade (cf 1Cor 12,27-13,13).

Certamente, há muitíssimas formas de praticar o amor ao próximo, bastando ter sensibilidade e coração aberto diante das necessidades e sofrimentos do próximo. Em muitos casos, a caridade consistirá na prática das obras de misericórdia, socorrendo as necessidades e sofrimentos mais imediatos dos irmãos (cf Mt 25,31-46). Outras vezes, a caridade se traduzirá

no respeito pela dignidade de cada pessoa, no serviço prestado, nas relações fraternas e atenciosas, na dedicação amorosa e na valorização de cada pessoa, filho ou filha de Deus, nas relações sociais dignas e na promoção da justiça social. O que não podemos deixar de fazer é amar o próximo, não importando quem ele seja.

Em nossas comunidades, o incentivo à prática pessoal da caridade deve ser constante, de maneira que isso se torne uma virtude de cada filho da Igreja e também de quem não é católico ou cristão. Para todos, a salvação passa pelas vias da caridade e das obras de misericórdia. A prática da caridade deve fazer parte da iniciação à vida cristã e eclesial. Além de pessoal, a caridade também precisa ser organizada, para ser mais eficaz e para estimular muitos a aderirem a ações concretas de serviço e caridade. A organização da caridade pode acontecer através de muitas iniciativas e organizações espontâneas ou instituídas nas comunidades da Igreja: obras sociais, iniciativas em favor de pessoas e grupos necessitados de socorro e assistência; iniciativas emergenciais, para socorrer situações decorrentes de catástrofes; através do voluntariado, no qual as pessoas podem se colocar à disposição para ações e iniciativas caritativas, de acordo com a sua formação profissional.

Em nossas comunidades há três grupos que merecem nossa atenção especial: os pobres em geral, os enfermos e os enlutados. Estes receberam sempre a atenção amorosa de Jesus e, por isso, todas as formas de vida eclesial também devem ter suas organizações para estar com os pobres, os enfermos e os enlutados. A caridade organizada faz aparecer melhor o testemunho cristão: “brilhe a vossa luz diante dos homens para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus” (Mt 5,16). Em todas as nossas comunidades deve haver expressões de caridade organizada.

É importante que as comunidades da Igreja se solidarizem com as comunidades mais pobres, partilhando de seus recursos com elas, para que elas também possam desenvolver bem sua missão essencial. Paulo, no início do Cristianismo, já deu o exemplo, fazendo uma coleta entre as comunidades da Ásia Menor para socorrer as necessidades da comunidade-mãe de Jerusalém. Como ensinou S. Paulo, “a caridade começa em casa” (cf 1 Tm 5,8). O mesmo Paulo realizou uma coleta entre as comunidades da Ásia Menor e da Grécia para socorrer a comunidade empobrecida de Jerusalém (cf 2 Cor 8-9). Temos grande disparidade de

recursos entre as paróquias de nossa Arquidiocese. Nessa mesma perspectiva, devemos compreender também as diversas coletas para as diversas necessidades Igreja como um todo, ao longo do ano. A Igreja é maior que nossa paróquia e arquidiocese, e devemos ter a compreensão e a sensibilidade em relação às ajudas, para onde for necessário.

Quais são as expressões de caridade organizada em nossas paróquias e comunidades? Como podemos motivar o povo a aderir mais a essas iniciativas? Sua paróquia/comunidade presta ajuda a alguma outra paróquia ou comunidade? Ou recebe ajuda de alguma outra paróquia ou instituição?

11. Preparar animadores da vida eclesial: clérigos e outros agentes de pastoral

A Igreja, “povo de Deus”, tem em Jesus Cristo o Pastor dos pastores e das ovelhas (cf Jo 10,11-16), “o grande pastor das ovelhas” (Hb 13,20), “o pastor e guardião de vossas vidas” (1Pd 2,25). O serviço do Bom Pastor é exercido na Igreja e na humanidade de diversas maneiras, conforme dons, carismas e missões recebidas do Espírito Santo. Todo serviço pastoral dos ministros ordenados, dos religiosos e consagrados e dos cristãos leigos decorre da missão de Jesus Cristo e deve ser exercido com as atitudes, nos sentimentos de Jesus Cristo, o Bom Pastor.

O sínodo revelou grande apreço pelos serviços pastorais em nossa Igreja, quer aplaudindo aqueles que são realizados bem, quer manifestando-se em relação aos serviços não exercidos bem, e até ausentes nas comunidades. O serviço pastoral, nas suas diferentes dimensões e competências, precisa ser exercido com dedicação e amor generoso e com a preparação suficiente dos que o exercem. A animação da vida eclesial nas comunidades depende do serviço dos ministros ordenados (clérigos), da atuação e do testemunho dos religiosos e consagrados e do engajamento e participação de todos os batizados nas competências e instâncias que lhes são próprias.

A Igreja será tanto mais viva e dinâmica, quanto mais for bem servida e animada por pastores bons e organizada para suscitar a participação ampla dos fiéis leigos e das múltiplas expressões organizadas dos fiéis no exercício pastoral. As responsabilidades dos serviços pastorais nas comunidades não podem ficar

restritas ao clero. É importante que existam e funcionem os Conselhos e demais organismos de corresponsabilidade pela vida pastoral, em todas as suas dimensões. Os leigos precisam ser orientados e estimulados à participação na vida eclesial e nas responsabilidades pastorais. Da mesma forma, as organizações de fiéis devem colocar-se a serviço da evangelização e da vida pastoral organizada em nossas paróquias e comunidades.

A pesquisa (2018) e o desenvolvimento do sínodo arquidiocesano mostraram um déficit significativo na formação geral do povo em nossas comunidades e, ainda mais, de formação de novas lideranças para a animação da vida pastoral. Ao mesmo tempo, é preciso abrir espaços para a participação de novas lideranças nos diversos âmbitos das responsabilidades pastorais. As comunidades da Igreja também devem estar atentas à formação de leigos e leigas, não apenas para atividades internas da Igreja, mas para a presença cristã no mundo e a participação nas responsabilidades sociais e públicas. É crucial retomar decididamente a formação de lideranças pastorais nas comunidades da Arquidiocese mediante cursos e orientações coerentes com o plano pastoral e com as normas e diretrizes da Igreja para a evangelização e a vida eclesial e social. As paróquias unam-se para as iniciativas de formação do povo e de lideranças pastorais e comunitárias, ajudando-se reciprocamente.

Por sua vez, a formação inicial e permanente do clero foi apontada com ênfase nos diversos momentos do sínodo. A pastoral das vocações deve ser assumida em cada paróquia e os sacerdotes precisam ser os primeiros animadores vocacionais em suas comunidades. A oração pelas vocações e o apoio ao Seminário e à formação sacerdotal é dever de todos. Que bom seria, se em cada paróquia fosse acompanhado um pequeno grupo de possíveis vocacionados ao seminário ou à vida religiosa consagrada! O Papa S. João Paulo II ensinou que “a vocação é dom de Deus providente a uma comunidade orante (*Pastores dabo vobis*). Oremos, pois, com fé e confiança, e façamos a nossa parte!

O Diretório arquidiocesano para a formação inicial dos sacerdotes, nos seminários e espaços acadêmicos, precisa ser revisto e atualizado, conforme as orientações mais recentes da Igreja. Mas também a formação continuada do clero precisa ser vista com renovada atenção e interesse, uma vez que os clérigos são os maiores corresponsáveis, com o bispo, pela vida da Igreja na Arquidiocese e responsáveis diretos pela animação vida e missão da Igreja nas comunidades.

Nossas comunidades e igrejas, mais que “pontos de atendimento religioso”, precisam ser realidades de acolhida comunhão, alimentação da fé e centros de irradiação do Evangelho e do testemunho da vida cristã. Ao mesmo tempo, nossas comunidades católicas necessitam interagir com o ambiente, onde se encontram enraizadas. Ali devem ser luz, sal e fermento do Evangelho nas comunidades humanas e nas realidades sociais, das quais fazem parte. Uma paróquia e comunidade católica precisa fazer alguma diferença no seu ambiente, fora dos espaços da vida interna da Igreja. É nas realidades locais que a “Igreja em saída” pode acontecer mais eficazmente.

Nunca devemos esquecer, no entanto, que o principal “agente pastoral” da Igreja é o Espírito Santo, “alma e guia da Igreja”. Por isso, na animação da vida pastoral, a oração e a Eucaristia dominical devem ter a primazia. A vida pastoral e as ações eclesiais só terão fruto se forem fecundadas pela graça do Espírito Santo.

O que pode ser feito para implementar a formação cristã do povo nas paróquias e comunidades? Como está a pastoral das vocações na paróquia e comunidade? O que pode ser feito para valorizar a vocação de todos os batizados?

12. Fazer comunicação evangelizadora

A evangelização é ação comunicadora do Evangelho, de muitas formas e com muitos modos e meios. A Igreja tem dado especial importância à evangelização através dos meios de imprensa e de comunicação social, das mídias sociais e das novas formas de comunicação. Nesses “ambientes”, a presença e o testemunho cristãos de boa qualidade não podem estar ausentes. Assim também, sua mensagem e seu testemunho podem chegar mais longe e alcançar mais pessoas e a Igreja pode cumprir melhor e mais eficazmente a sua missão: “ide por todo o mundo e proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15).

No sínodo, também foi observado várias vezes que a comunicação interna da Igreja é deficitária. Temos um conteúdo excelente para comunicar, mas nossos modos de comunicar e nossos instrumentos de comunicação deixam a desejar. Isso pode se referir tanto às homilias, ao uso inadequado do microfone e da aparelhagem de som nas igrejas, ao excesso de ruído nas celebrações, à escassa comunicação da mensagem cristã pelas mídias sociais, ao uso

ainda reduzido da comunicação digital a serviço da pastoral e da evangelização. Ainda há muitas potencialidades pouco ou nada exploradas! Não precisamos alcançar o mundo todo, nem a cidade inteira, mas sim a todos os membros de nossas comunidades com modos eficazes e até pouco custosos de comunicação. A boa comunicação começa com o bom acolhimento a todos em nossas secretarias paroquiais, celebrações e reuniões. O visual de nossos ambientes de celebração e reunião e a apresentação pessoal de quem preside e coordena também comunicam uma mensagem.

No entanto, não se trata apenas de usar bem os variados meios e modos de comunicar, a serviço da evangelização e da pastoral. Também é preciso desenvolver sempre mais o senso crítico em relação ao uso dos meios de comunicação e às mensagens veiculadas. Nem tudo o que circula no mundo da comunicação é construtivo para o sadio convívio humano. A comunicação deve ser serviço à verdade e ao bem comum e jamais se prestar a espalhar falsidades e a gerar discórdia, ódio e violência. A formação do senso moral, em vista da edificação do bem comum, será um auxílio importante para a compreensão crítica do mundo da comunicação.

Além disso, a Igreja, e cada cristão em particular, comunicam mediante o seu modo de ser e de estar no mundo. Jesus Cristo, “imagem visível do Deus invisível” (cf Cl 1,15), comunicava o reino de Deus aos homens em tudo o que dizia e fazia. S.Paulo recordou aos fiéis da comunidade de Corinto que eles são “carta de Cristo, redigida, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo” (2Cor 3,3). Os discípulos de Jesus são enviados a comunicar “boas novas” ao mundo, que contribuam para que o reino de Deus seja acolhido e transforme a vida. Qual é a imagem e mensagem que nós comunicamos ao mundo, enquanto Igreja? Nossas boas ações e iniciativas, certamente, são “carta” que comunica uma mensagem boa. Mas nossas divisões, invejas e rixas internas, bem como nossa falta de vibração e entusiasmo podem estar comunicando mensagens diversas e de pouca credibilidade.

Por isso, é importante que nossas organizações arquidiocesanas, paróquias, comunidades e grupos eclesiais zelem pelo bom nome da Igreja e de cada organização da Igreja. A retidão moral de cada um na vida pessoal e social, bem como o interesse em participar da edificação do bem comum precisam fazer parte da nossa comunicação testemunhal positiva. A caridade, o interesse de uns pelos outros e a ajuda recíproca devem ser marcas das nossas

comunidades e do nosso testemunho pessoal. Nossas celebrações feitas bem, nossas igrejas e lugares de celebração bem arrumados, a acolhida a quem chega, os nomes visíveis dos nossos templos, nossa atitude digna, como convém a discípulos de Cristo – tudo isso é comunicação e mensagem, mesmo sem palavras.

Que mensagem passamos ao mundo com jeito de nossa paróquia? Como podemos melhorar nossa “comunicação” a serviço da boa mensagem da Igreja? Que iniciativas podem ser desenvolvidas?

13. Organizar a pastoral como um serviço à vida e à missão da Igreja

Nossa Arquidiocese tem uma grande estrutura e organização pastoral e, por vezes, ela pode parecer demasiado pesada. Se é certo que a Arquidiocese precisa de boa organização pastoral, é certo também que esta deve estar adequada à evangelização e à vida pastoral, e não o contrário. Estão a serviço da Arquidiocese, como um todo, o Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, com o Conselho de Pastoral e as Coordenações Pastorais. Cada Coordenação Pastoral agrupa um certo número de “pastorais” ou de outras organizações, iniciativas ou grupos de nível arquidiocesano. Isso se replica de forma semelhante nas Regiões Episcopais e nos Vicariatos Pessoais e Ambientais. Em muitos casos, o mesmo modelo é reproduzido em âmbito de Setor Pastoral. E temos a Paróquia, com as suas múltiplas organizações e expressões de vida e ação pastoral.

Toda essa grande estrutura pastoral precisa de uma avaliação e, talvez, de reformulação, para que seja menos pesada e mais eficiente. Nunca se deve perder de vista que a Igreja é formada, antes de tudo, por pessoas que acolhem e vivem a fé a partir da Palavra de Deus e da Igreja. Não devemos correr o risco de colocar as estruturas e organizações acima dessa base primeira e fundamental da Igreja. A sua organização deve ajudar para o melhor cumprimento da vida e missão da Igreja: o anúncio e o testemunho do Evangelho, a celebração dos mistérios da fé e a caridade. Toda organização pastoral e administrativa também deverá expressar a “comunhão, conversão e renovação missionária” de nossa Arquidiocese.

Em vista do acima exposto, a organização pastoral da Arquidiocese deverá ser melhor avaliada e reorganizada sob alguns aspectos na fase pós-sinodal. Isso inclui também algumas reformulações

administrativas, que se fazem necessárias. Mas é fundamental que cada membro da Igreja tenha clara consciência e assuma em primeira pessoa a sua responsabilidade na animação da vida da Igreja na parte que lhe compete. Dos Párocos, Administradores e Vigários Paroquiais é esperada a dedicação generosa e integral no serviço das comunidades a eles confiadas. Aos membros dos organismos pastorais arquidiocesanos e regionais pede-se a generosa colaboração na animação da vida pastoral da Arquidiocese. O Arcebispo, os Bispos Auxiliares e os demais Vigários Episcopais, assumem o compromisso de acompanhar de perto as comunidades, mediante as visitas pastorais e outras iniciativas para manifestar a sua proximidade para com o povo santo de Deus na Arquidiocese.

A organização pastoral que temos na Arquidiocese pode ser melhorada? Em quais pontos especificamente? Há sugestões para uma organização pastoral diferente, mais ágil e efetiva? Na sua paróquia, comunidade e grupo, a organização pastoral está boa? O que poderia, ou deveria, ser mudado para dar mais fruto à vida e à missão da Igreja?

14. Algumas questões específicas para a fase pós-sinodal

As propostas sinodais retratam a percepção que veio sendo manifestada ao longo do processo sinodal, em relação à organização e supervisão pastoral e administrativa da Arquidiocese. Essas propostas encontram-se aqui anexas e devem ser levadas em conta na fase pós-sinodal. Destaco aqui algumas questões, que precisarão ser trabalhadas por comissões específicas e com o auxílio de peritos, para serem depois aprovadas por quem de direito.

14.1. Reformulação da estrutura organizacional da Pastoral na Arquidiocese. O Documento de Aparecida recomendou mudar e até abandonar certas estruturas e práticas que já não são adequadas para o melhor serviço à evangelização e à vida eclesial. Assim, é preciso reorganizar o conjunto do acompanhamento pastoral, expressado com Organograma de Pastoral e também rever a forma de acompanhamento pastoral da Arquidiocese. É preciso pensar como acompanhar de maneira mais eficaz a vida das paróquias, “comunidades de comunidades”, organizações e iniciativas de evangelização e pastoral. A constatação é que os Setores pastorais, na atual configuração, geralmente, não

conseguem realizar bem a sua função. Isso requer uma avaliação e decisão consequente.

14.2. Elaboração de um Diretório da Pastoral. A Arquidiocese carece de um Diretório da Pastoral, que defina e especifique as organizações e as competências no âmbito pastoral. Precisamos de um Diretório da Pastoral, que seja a referência comum para a organização pastoral na Arquidiocese de São Paulo.

14.3. Revisão e adequação do Plano de Manutenção da Arquidiocese. O atual Plano de Manutenção precisa ser revisto e atualizado em diversos pontos. No decurso dos anos, várias “questões novas” foram aparecendo na vida administrativa da Igreja e da sociedade, que precisam ser devidamente assimiladas e contempladas no Plano de Manutenção.

14.4. Atualização do Diretório dos Sacramentos. O Diretório deve ser a referência comum para toda a Arquidiocese no que se refere à pastoral dos Sacramentos. Diversos aspectos do Diretório dos Sacramentos precisam ser revistos e atualizados, para seguir as atuais orientações da Igreja.

14.5. Elaboração de um Diretório Litúrgico para a Arquidiocese. A Arquidiocese segue a Disciplina litúrgica da Igreja e as orientações próprias da Conferência Episcopal, oferecidas pelo Diretório Litúrgico da CNBB. No entanto, há questões de pastoral litúrgica próprias da Arquidiocese, que precisam ser recolhidas num Diretório Litúrgico arquidiocesano.

14.6. Elaboração de um Regimento da Cúria Metropolitana. A Cúria é o órgão de governo da Arquidiocese, com seus serviços e atribuições: Vigário Geral, Coordenador ou Moderador da Cúria, Chancelaria, Mitra arquidiocesana. Economato, Secretariado de Pastoral, Tribunal Eclesiástico, Arquivo Metropolitano, Regiões e Vicariatos Episcopais. Tudo isso tem seu funcionamento próprio e regulado; mas é preciso estabelecer isso num Regimento, para a clareza, a funcionalidade harmônica e o conhecimento de todos.

14.7. Criação de um Vicariato Episcopal para a Área da Saúde. A pastoral dos doentes e da saúde tem grande importância na evangelização e no serviço pastoral. Para cumprir bem sua função, essa pastoral precisa ser bem organizada e acompanhada, com a formação de agentes pastorais correspondentes. Com a graça de Deus, a Arquidiocese já está conseguindo ter mais

presença e atuação nesse âmbito delicado e importante. Por isso, a assembleia sinodal arquidiocesana manifestou um consenso amplo sobre a criação de um Vicariato Episcopal para a área da saúde em nossa arquidiocese e isso deverá ser levado em conta na fase pós-sinodal.

14.8. Criação de um Vicariato Episcopal para a Catequese.

A catequese é uma das preocupações e ações primordiais na evangelização. Sem uma boa catequese, a transmissão da fé e a iniciação à vida cristã e eclesial passam a sofrer de inanição e a vida da Igreja entra em colapso. A catequese deve ser a preocupação pastoral primordial dos párocos e de toda a comunidade eclesial a eles confiada. Para promover a boa catequese, são necessários muitos esforços conjugados, quer para a organização, a supervisão, a formação dos agentes da catequese e a indicação dos textos de apoio à catequese. A assembleia sinodal arquidiocesana propôs também, com amplo consenso, a criação de um Vicariato ambiental para a Catequese em nossa Arquidiocese. Isso deverá ser objeto de estudo atento, de discernimento e de decisão na fase pós-sinodal.

14.9. Revisão e adequação do Diretório Arquidiocesano da Formação Presbiteral.

A formação inicial do clero, nos seminários da Arquidiocese, já possui um Diretório, baseado nos Documentos e diretrizes do Magistério Pontifício e Episcopal (CNBB e Arquidiocese) a Igreja sobre o assunto. Esse Diretório, no entanto, precisa ser atualizado em conformidade com as mais recentes diretrizes do Magistério sobre a formação presbiteral.

14.10. Atenção especial à educação e universidade. A educação é vista pela Igreja como um vasto campo para a evangelização, segundo metodologias próprias. O mundo da educação e da universidade já tem recebido atenção pastoral especial na Arquidiocese de São Paulo, com a experiência do Vicariato para a Educação e a Universidade. Agora, é preciso elaborar diretrizes específicas para ampliar e tornar mais integrado e operativo esse grande trabalho (ver DAp nº 328-346).

14.11. Organização da caridade social. Graças a Deus, temos muitas iniciativas de caridade social em nossa Arquidiocese. No entanto, é preciso estudar a forma mais eficaz de organizar, acompanhar e dinamizar tantas iniciativas de caridade social, ligadas à Igreja.

14.12. Elaboração de um novo Plano de Pastoral. Uma vez concluído o trabalho do sínodo, propriamente dito, é preciso preparar um novo Plano de Pastoral da Arquidiocese, que contemple as grandes questões, prioridades e urgências levantadas pelo sínodo e, ao mesmo tempo, as recentes diretrizes do magistério pontifício e da CNBB.

Conclusão

Ao encerrar esta Carta Pastoral sobre o primeiro sínodo arquidiocesano de São Paulo, desejo manifestar meu agradecimento a todos aqueles que colaboraram na realização desse grande esforço eclesial, que contou com a participação generosa de muitos. Manifesto a gratidão especial aos Bispos Auxiliares, aos membros da Comissão Central de Coordenação, da Secretaria Geral e das Coordenações Regionais do sínodo, aos Párcos e Administradores e Vigários Paroquiais, que promoveram os trabalhos sinodais em âmbito paroquial, aos Assessores, Peritos e Teólogos, aos voluntários e a todos os membros da assembleia sinodal arquidiocesana. Agradeço a todo o povo que rezou para que o Espírito Santo viesse em nosso auxílio na realização do sínodo. Agradecimento especial, aos Padres Paulinos, que acolheram a assembleia sinodal nos espaços da sua Faculdade de Comunicação (FAPCOM).

Agradeço a Deus que nos abençoou e conduziu mediante o seu Espírito no discernimento sinodal sobre a realidade religiosa e pastoral de nossa Arquidiocese, sobre o que fazer e como fazer, passo a passo ao longo do sínodo. Tenho absoluta confiança na ação do Espírito Santo, que anima a Igreja e a renova constantemente para o cumprimento de sua missão. Basta que nós colaboremos com a nossa parte. Durante o processo sinodal, deixamo-nos conduzir pela Palavra de Deus e nos perguntamos muitas vezes, como São Paulo no caminho de Damasco: “Senhor, que devemos fazer?” (cf At 22,9). Durante o sínodo, lembramos sempre que é preciso ouvir o que o Espírito diz à Igreja (cf Ap 2,7.11.17.29).

Superada a fase dos trabalhos sinodais, inicia-se o tempo de colocar em prática as orientações e propostas sinodais em nossa Arquidiocese. De fato, como bem nos lembra o Papa Francisco, nossa Igreja é “sinodal” por sua própria natureza e chamada a caminhar unida, todos em comunhão e participando da sua vida e missão. O aprendizado sinodal deve acompanhar-nos agora no esforço para traduzir em novas atitudes e práticas aquilo que o sínodo nos mostrou e ensinou.

Recomendo, pois, que as nossas comunidades paroquiais, coordenadas e animadas por seus Pastores e pelos Conselhos Pastorais Paroquiais, corresponsáveis no serviço pastoral, façam agora o processo de recepção do sínodo em suas comunidades. Todas as propostas sinodais são válidas, ainda que elas não expressem a totalidade da vida pastoral, mas algumas preocupações e desafios mais urgentes. Peço que acolham com fé e coragem também as orientações desta Carta Pastoral, que apontam para aspectos transversais importantes para nossa ação evangelizadora e pastoral.

No final de cada tópico, há algumas perguntas que podem orientar a reflexão nos Conselhos e em grupos, que podem ser organizados para envolver mais pessoas na recepção do sínodo. Cada paróquia seja criativa e olhe para a sua realidade, sem esperar que alguém outro venha promover a “comunhão, conversão e renovação missionária em sua comunidade. Diante de tantas indicações, continuemos a nos perguntar, como São Paulo: Senhor, que devemos fazer?

Ao finalizar, entrego nas mãos de Deus o trabalho sinodal realizado e os propósitos elaborados para nossa Arquidiocese, para que possamos realizar bem a nossa missão evangelizadora e ser testemunhas do Evangelho do reino de Deus na Cidade de São Paulo. Pela intercessão de Nossa Senhora da Assunção, do apóstolo São Paulo, dos Santos e Bem-aventurados que viveram nesta Cidade e de todos os nossos Santos padroeiros, Deus nos ajude e nos abençoe!

São Paulo, na solenidade da Anunciação do Senhor, 25.03.2023

Cardeal Odilo Pedro Scherer
Arcebispo de São Paulo

PROPOSTAS DA ASSEMBLEIA SINODAL

Apresentação

Com muita satisfação, apresento as propostas sinodais elaboradas e votadas pela assembleia do primeiro sínodo arquidiocesano de São Paulo. Elas são fruto de um longo trabalho de escuta, reflexão e discernimento.

As propostas foram elaboradas ao longo de 4 das 7 sessões da assembleia. As comissões temáticas elaboraram uma primeira redação das propostas; num segundo momento, as comissões mudaram seus membros, para que as propostas pudessem ser revistas e enriquecidas por mais pessoas. Num terceiro momento, as propostas foram submetidas à votação da assembleia, para receberem emendas e serem enriquecidas ou mudadas e para a manifestação de um consenso inicial sobre elas. A seguir, inseridas as emendas pela comissão de redação do sínodo, as propostas foram votadas novamente, sem a proposição de emendas, mas com a possibilidade da manifestação do consenso ou até da desaprovação ou rejeição delas pela assembleia sinodal. Elas podiam receber três tipos de votos possíveis: sim; não; com reservas. A assembleia manifestou o consenso favorável acima de dois terços dos votantes para cada uma das propostas.

Aqui, as propostas são publicadas sem alteração, inclusive com os votos atribuídos a cada uma delas, assim como foram votadas na última sessão do sínodo. Globalmente, elas expressam a percepção da assembleia sinodal sobre a realidade pastoral da Arquidiocese de São Paulo. Mesmo se não abrangem a totalidade das questões pastorais, elas representam agora um referencial importante para a conversão e a renovação pastoral, nos diversos aspectos específicos.

Portanto, as propostas devem ser assumidas pela Arquidiocese, as Regiões Episcopais e paróquias e por toda a sua animação e coordenação pastoral, especialmente, os 25 âmbitos pastorais específicos devem levar em consideração cada uma das propostas que lhes dizem respeito. Isso ajudará a nossa Igreja em São Paulo a promover o seu necessário “caminho de comunhão, conversão e renovação missionária”.

Essas propostas para os âmbitos pastorais específicos devem ser integradas com as diretrizes sinodais transversais indicadas pela Carta Pastoral e que interessam ao conjunto da ação evangelizadora e pastoral.

Tem início agora, com a publicação desta Carta Pastoral, a fase de aplicação do sínodo em cada paróquia e Região Episcopal, em cada expressão de vida comunitária e âmbito pastoral e nas diversas organizações eclesiais de nossa Arquidiocese. Com a ajuda da coordenação pastoral da Arquidiocese e das Regiões Episcopais, dos Conselhos e Comissões de trabalho, trabalhemos para aparecerem os desejados frutos de “comunhão, conversão e renovação missionária” do sínodo. Não esqueçamos os elementos de conhecimento da realidade eclesial e pastoral (pesquisa de campo e levantamento paroquial), de avaliação e síntese feitos ao longo do caminho sinodal, que precisam ser enriquecidos com o olhar atento, o coração sensível e os ouvidos abertos aos constantes e renovados apelos de Deus sobre a vida e a missa da Igreja em nossa Arquidiocese.

Lembrando que o sujeito da ação evangelizadora e pastoral é a comunidade eclesial, como um todo, e importante que, agora, o conjunto dessas propostas do sínodo sejam estudadas e acolhidas, à luz da Carta Pastoral, por toda a Arquidiocese de São Paulo: pelos Conselhos Pastorais das paróquias, das Regiões e da Arquidiocese; pelas coordenações pastorais, organismos, associações eclesiais e grupos diversos. Cada pastoral específica também se dedique a viabilizar as propostas sinodais que lhe dizem respeito.

E continuemos a invocar o Espírito Santo sobre os nossas iniciativas e esforços evangelizadores, pois é Ele quem lhes dá fecundidade e, com a fé, o tempo, a fé e a perseverança, faz desabrocharem e aparecerem os frutos da sementeira realizada com o esforço do trabalho sinodal.

Deus ilumine e abençoe a todos. Nossa Senhora da Assunção e o Apóstolo São Paulo, com os Padroeiros de nossas Comunidades, intercedam por nós!

Na solenidade da Anunciação do Senhor, 25 de março de 2023,
encerramento do 1º sínodo arquidiocesano de São Paulo.

Cardeal Odilo Pedro Scherer
Arcebispo de São Paulo

PROPOSTAS DA ASSEMBLEIA SINODAL

Palavra de Deus na Vida e Missão da Igreja

1 Formar comunidades eclesiais missionárias nas paróquias como lugar privilegiado de escuta e prática da Palavra de Deus, formando novos discípulos missionários.

Sim, 210; sim com reservas, 01; não, 01; brancos e nulos, 01.

2 Motivar a leitura e a reflexão da Palavra de Deus, mediante a leitura orante, tornando acessíveis subsídios bíblicos com o método ouvir, ver, iluminar, agir e celebrar, à luz do Magistério da Igreja, para que a Palavra se torne vida em caridade.

Sim, 207; sim com reservas, 02; não, 02; brancos e nulos, 02.

3 Realizar um levantamento das iniciativas de estudos bíblico-catequético e teológicos na Arquidiocese e divulgar nas comunidades, paróquias e regiões episcopais.

Sim, 205; sim com reservas, 01; não, 06; brancos e nulos, 01.

4 Incentivar a aquisição de Bíblias para que as pessoas tenham maior acesso à Palavra de Deus, favorecendo o seu uso na preparação dos sacramentos e outras atividades.

Sim, 200; sim com reservas, 07; não, 05; brancos e nulos, 01.

Catequese e Iniciação à Vida Cristã

5 Criar um vicariato para a catequese e iniciação à vida cristã.

Sim, 179; sim com reservas, 08; não, 25; brancos e nulos, 01.

6 Elaborar o itinerário catequético com estilo catecumenal para a Arquidiocese.

Sim, 190; sim com reservas, 10; não, 12; brancos e nulos, 01.

7 Envolver as famílias no processo catequético de crianças, adolescentes e jovens, tendo também a colaboração da pastoral familiar.

Sim, 203; sim com reservas, 06; não, 03; brancos e nulos, 01.

8 Incentivar a catequese de primeira Eucaristia e Crisma nas escolas, com o apoio das paróquias em que estão situadas as escolas e do Vicariato para a Educação e a Universidade.

Sim, 174; sim com reservas, 17; não, 21; brancos e nulos, 01.

9 Promover a formação inicial e permanente de catequistas e o ministério laical de catequista.

Sim, 210; sim com reservas, 01; não, 01; brancos e nulos, 01.

Aprofundamento da Fé e Formação Permanente dos Católicos

10 Promover, na Arquidiocese, um processo sistemático de aprofundamento da fé e de formação teológico-pastoral, para leigos e leigas, que integre fé e vida.

Sim, 208; sim com reservas, 02; não, 02; brancos e nulos, 01.

11 Investir recursos financeiros na formação teológica, em todos os níveis, dos agentes de pastoral leigos e leigas.

Sim, 203; sim com reservas, 08; não, 02; brancos e nulos, 00.

12 Multiplicar cursos, eventos formativos e de experiências de espiritualidade para todos os fiéis de modo a proporcionar a sua formação permanente na vida cristã.

Sim, 191; sim com reservas, 11; não, 8; brancos e nulos, 03.

13 Utilizar as tecnologias digitais para o aprofundamento da fé e da formação permanente.

Sim, 203; sim com reservas, 05; não, 04; brancos e nulos, 01.

14 Formar pequenos grupos eclesiais, como círculos bíblicos, novenas, comunidades eclesiais missionárias e leitura orante da Palavra de Deus em cada paróquia.

Sim, 194; sim com reservas, 07; não, 09; brancos e nulos, 02.

Liturgia, Celebrações e Espiritualidade

15 Proporcionar formações sobre a natureza, teologia e espiritualidade litúrgicas, tendo em conta também a clareza na linguagem das homilias, em vista da participação ativa, consciente, plena e frutuosa do Povo de Deus.

Sim, 199; sim com reservas, 06; não, 06; brancos e nulos, 02.

16 Promover a comunhão entre as equipas paroquiais e a Comissão Arquidiocesana de Liturgia, para suscitar unidade na celebração do Mistério Pascal e dos Sacramentos.

Sim, 203; sim com reservas, 03; não, 05; brancos e nulos, 02.

17 Promover a formação musical para favorecer a vivência do tempo litúrgico celebrado.

Sim, 194; sim com reservas, 12; não, 05; brancos e nulos, 02.

18 Manter viva a piedade popular, conforme *o ensino da Igreja*, incentivando a oração nas famílias.

Sim, 200; sim com reservas, 02; não, 08; brancos e nulos, 03.

Pastoral dos Sacramentos (Diretório dos Sacramentos)

19 Acolher, com o olhar amoroso de Cristo Bom Pastor, as pessoas que buscam os sacramentos.

Sim, 205; sim com reservas, 06; não, 02; brancos e nulos, 00.

20 Capacitar secretárias(os), funcionários(as) e agentes de pastoral para o acolhimento de pessoas e a preparação para os sacramentos, por meio da formação continuada, na perspectiva querigmática e missionária.

Sim, 212; sim com reservas, 00; não, 00; brancos e nulos, 01.

21 Mostrar o sentido de cada um dos sacramentos ao povo de Deus, levando-o à valorização da vida sacramental vivida na comunidade eclesial.

Sim, 199; sim com reservas, 08; não, 04; brancos e nulos, 02.

22 Adotar uma catequese continuada para o sacramento do Matrimônio, com um itinerário que abrange desde a formação pré-matrimonial até a vida matrimonial.

Sim, 192; sim com reservas, 13; não, 06; brancos e nulos, 02.

23 Rever e adequar as orientações pastorais referentes ao Diretório dos Sacramentos, propondo um caminho de comunhão, conversão e renovação missionária.

Sim, 204; sim com reservas, 05; não, 02; brancos e nulos, 02.

Família, igreja doméstica

24 Despertar e formar nas famílias a consciência de que são “igrejas domésticas”, lugar de encontro, diálogo e vivência da fé da Igreja.

Sim, 207; sim com reservas, 04; não, 01; brancos e nulos, 01.

25 Implementar pela pastoral familiar e os movimentos e associações uma evangelização que forme famílias para evangelizarem outras famílias, indo ao seu encontro nas suas diversas situações.

Sim, 192; sim com reservas, 13; não, 07; brancos e nulos, 01.

26 Fomentar a pastoral familiar nas paróquias da arquidiocese de São Paulo e adotar um itinerário de acompanhamento contínuo da vida matrimonial, considerando a transversalidade dessa pastoral em todas as dimensões da ação eclesial.

Sim, 192; sim com reservas, 17; não, 04; brancos e nulos, 00.

Juventude e Missão

27 Organizar ações missionárias para o anúncio de Jesus Cristo e seu Evangelho com os jovens, aproveitando os grupos existentes e formando novos.

Sim, 198; sim com reservas, 09; não, 05; brancos e nulos, 01.

28 Acolher os jovens na família paroquial, mediante o apostolado da amizade e da confiança, proporcionando a vivência e a experiência da fé alimentada pela Palavra, pelos Sacramentos e a doutrina da Igreja.

Sim, 202; sim com reservas, 08; não, 03; brancos e nulos, 00.

29 Ter em cada paróquia, movimento e organização juvenil um(a) assessor(a) ou interlocutor(a), com capacitação e linguagem adequadas, para uma maior interação com o Setor Juventude da arquidiocese de São Paulo.

Sim, 196; sim com reservas, 12; não, 04; brancos e nulos, 01.

30 Criar um centro de juventude arquidiocesano, para promover a formação de jovens, que incentive sua inserção na vida eclesial e social.

Sim, 194; sim com reservas, 13; não, 05; brancos e nulos, 01.

Leigos e suas organizações – Presença pública da Igreja missionária

31 Despertar nos cristãos leigos e leigas a consciência de sua missão na Igreja enquanto batizados e a necessidade da formação continuada, em sintonia com as diretrizes da Igreja.

Sim, 204; sim com reservas, 06; não, 02; brancos e nulos, 01.

32 Identificar, reconhecer, acolher, acompanhar, articular e integrar as organizações laicais presentes nas paróquias, com uma coordenação própria, para proporcionar mais participação na vida e missão da Igreja.

Sim, 198; sim com reservas, 10; não, 05; brancos e nulos, 00.

33 Promover entre o clero e o laicato o diálogo, a escuta recíproca, o apoio e o discernimento na ação pastoral.

Sim, 204; sim com reservas, 05; não, 03; brancos e nulos, 01.

34 Promover a evangelização inclusiva das pessoas com deficiência, promovendo a acessibilidade às mídias impressas, audiovisuais e digitais.

Sim, 208; sim com reservas, 03; não, 01; brancos e nulos, 01.

Vocações e Seminários (formação inicial do clero); vida e Ministério do Clero (formação continuada)

35 Promover a cultura vocacional nas comunidades da arquidiocese de São Paulo, envolvendo a família, os seminaristas, diáconos, padres, religiosos(as), membros das comunidades de vida, bem como o laicato.

Sim, 202; sim com reservas, 06; não, 03; brancos e nulos, 02.

36 Valorizar, no processo formativo integral dos seminaristas, a participação do laicato, conforme orientações da Igreja.

Sim, 200; sim com reservas, 06; não, 05; brancos e nulos, 02.

37 Articular o acompanhamento vocacional e a formação nos seminários com a participação da Pastoral da Comunicação (PASCOM).

Sim, 178; sim com reservas, 21; não, 01; brancos e nulos, 02.

38 Promover oficinas, estágios e formação nos seminários no âmbito da espiritualidade, da liturgia, da homilética, da pastoral e da doutrina social da Igreja, para a preparação de seminaristas e a formação permanente do clero, em vista da ação pastoral e evangelizadora nos desafios atuais.

Sim, 198; sim com reservas, 11; não, 02; brancos e nulos, 02.

Vida Consagrada e suas novas expressões

39 Despertar nas paróquias a consciência vocacional, acerca da vida consagrada e religiosa, e tornar conhecidos e valorizados os carismas fundacionais, desde os mais antigos, bem como as novas formas de consagração.

Sim, 203; sim com reservas, 07; não, 02; brancos e nulos, 01.

40 Integrar os carismas da vida consagrada e respectivas espiritualidades na ação evangelizadora da Arquidiocese em vista de colocá-los a serviço da promoção da dignidade da pessoa humana.

Sim, 203; sim com reservas, 04; não, 06; brancos e nulos, 00.

41 Fomentar a participação mais efetiva da vida consagrada feminina e masculina nas atividades evangelizadoras da Arquidiocese e na elaboração dos planos pastorais.

Sim, 205; sim com reservas, 03; não, 04; brancos e nulos, 01.

42 Promover a vivência fraterna, própria da vida consagrada, como testemunho da fraternidade universal desejada por Cristo, integrando a juventude na missão evangelizadora.

Sim, 195; sim com reservas, 09; não, 08; brancos e nulos, 01.

43 Valer-se das estruturas comuns da vida consagrada, como escolas, hospitais, creches, universidades e outros organismos, para promover os valores cristãos.

Sim, 195; sim com reservas, 12; não, 05; brancos e nulos, 01.

Testemunho da caridade a serviço da vida humana

44 Investir na preparação do voluntariado em vista do serviço caritativo.

Sim, 200; sim com reservas, 08; não, 04; brancos e nulos, 01.

45 Trabalhar a dimensão política da fé, no processo de formação inicial e permanente da vida cristã, segundo a doutrina social da Igreja, em vista da participação dos leigos e leigas nos conselhos municipais, estaduais e nacionais, focando políticas públicas para a promoção do bem comum.

Sim, 194; sim com reservas, 08; não, 09; brancos e nulos, 02.

46 Promover e defender a vida, combater a cultura da morte, valorizar a dignidade humana com a inclusão de todas as pessoas nas comunidades e na sociedade.

Sim, 204; sim com reservas, 04; não, 03; brancos e nulos, 02.

Refugiados, Migrantes e “Descartados”

47 Formar e sensibilizar a todos sobre a realidade do fenômeno das migrações, mapeando o que já é realizado na arquidiocese de São Paulo, em outras organizações e órgãos públicos, articulando ações pastorais e sociais conjuntas.

Sim, 204; sim com reservas, 05; não, 03; brancos e nulos, 01.

48 Implantar a pastoral do migrante nas regiões episcopais e setores e articular ações conjuntas para acolher, proteger, integrar e promover a população marginalizada, discriminada e rejeitada, migrante, refugiada, infantil, adolescente, indígena e outras.

Sim, 192; sim com reservas, 14; não, 06; brancos e nulos, 01.

49 Trabalhar junto ao poder público para a implantação de políticas públicas que assegurem os direitos humanos fundamentais para os refugiados, a sua permanência ou estadia digna no território, respeitando o protagonismo e o direito à liberdade, incluindo, também, os encarcerados.

Sim, 196; sim com reservas, 13; não, 03; brancos e nulos, 01.

Ação Missionária com o povo em situação de rua

50 Acolher nas paróquias os irmãos em situação de rua como paroquianos, garantindo a eles o acesso aos sacramentos da Igreja, nas missas, celebrações e atividades em geral, bem como o acesso à água potável e serviços sanitários.

Sim, 188; sim com reservas, 16; não, 07; brancos e nulos, 02.

51 Criar espaços de escuta para os irmãos em situação de rua a fim de conhecer suas necessidades e, se necessário, encaminhá-los às entidades ou ao poder público.

Sim, 196; sim com reservas, 05; não, 10; brancos e nulos, 02.

52 Promover vida digna para os irmãos em situação de rua, sobretudo quanto à segurança alimentar, promovendo a inclusão e a evangelização dos irmãos LGBTQIA+, imigrantes, egressos

do sistema carcerário, famílias em extrema pobreza, tratando-os com autêntico espírito fraterno.

Sim, 180; sim com reservas, 22; não, 10; brancos e nulos, 01.

53 Anunciar e denunciar todas as formas de injustiças, também pelas redes sociais e os serviços da PASCOM.

Sim, 185; sim com reservas, 14; não, 13; brancos e nulos, 01.

54 Enriquecer o Vicariato do Povo de Rua com mais animadores, para um trabalho pastoral mais abrangente e fortalecido.

Sim, 192; sim com reservas, 06; não, 13; brancos e nulos, 02.

55 Criar subvicariatos nas regiões episcopais para assegurar a continuidade e tornar mais efetivas as ações da Igreja junto ao povo em situação de rua.

Sim, 175; sim com reservas, 14; não, 22; brancos e nulos, 02.

56 Articular pastorais, movimentos e organizações laicais que trabalham com o povo em situação de rua, envolvendo seminaristas, religiosos, consagrados e novas comunidades, para um trabalho em conjunto, abrangente e eficaz.

Sim, 201; sim com reservas, 04; não, 05; brancos e nulos, 03.

Caridade organizada – Situações de emergência e voluntariado

57 Organizar um observatório permanente de crise, para pensar ações específicas e parcerias com os órgãos públicos; coordenar e estabelecer metas para o voluntariado em situações de emergência: fome, desemprego, incêndios, pandemias, injustiças e os cuidados com a casa comum, entre outros.

Sim, 193; sim com reservas, 11; não, 09; brancos e nulos, 00.

58 Apoiar o Vicariato do Povo de Rua e demais pastorais que atuam com situações de emergência.

Sim, 196; sim com reservas, 06; não, 10; brancos e nulos, 01.

59 Promover a Caritas arquidiocesana numa ação caritativa e comunitária organizada.

Sim, 198; sim com reservas, 09; não, 05; brancos e nulos, 01.

60 Ampliar, promover e divulgar o serviço de educação para as pessoas em situação de rua nas regiões episcopais e paróquias, com material específico, equipe multidisciplinar e intercongregacional.

Sim, 192; sim com reservas, 13; não, 07; brancos e nulos, 01.

61 Aprimorar, na Arquidiocese, o serviço de escuta qualificada nas comunidades, com foco no desenvolvimento da pessoa humana e suas demandas biopsíquicas, sociais e espirituais; quando necessário, encaminhando-as aos órgãos públicos especializados.

Sim, 198; sim com reservas, 11; não, 04; brancos e nulos, 00.

62 Organizar o cadastro dos serviços caritativos nas paróquias e no setores pastorais, com troca de informações, promovendo principalmente o desenvolvimento humano e integral dos assistidos.

Sim, 202; sim com reservas, 01; não, 08; brancos e nulos, 01.

63 Retomar o Seminário da Caridade para que se conheça as ações caritativas e sociais da Caritas, das paróquias, das comunidades, das associações e congregações religiosas na Arquidiocese.

Sim, 194; sim com reservas, 10; não, 08; brancos e nulos, 01.

Cuidado da Casa Comum

64 Organizar a Pastoral da Ecologia Integral na Arquidiocese como espaço de reflexão, interação e formação socioambiental, possibilitando uma atuação orgânica, oferecendo diretrizes e promovendo boas práticas de cuidado do meio ambiente.

Sim, 197; sim com reservas, 08; não, 07; brancos e nulos, 01.

65 Promover o estudo do ensinamento da Igreja sobre as questões ambientais e a formação de agentes pastorais, que atuem na promoção da ecologia integral.

Sim, 192; sim com reservas, 09; não, 11; brancos e nulos, 01.

66 Buscar o diálogo e o trabalho em comum com outras igrejas cristãs e religiões não cristãs, organizações sociais, movimentos populares, sindicatos, escolas e coletivos, a fim de promover a cultura e a gestão ambiental.

Sim, 188; sim com reservas, 18; não, 06; brancos e nulos, 01.

67 Promover espaços de diálogo com o poder público e a sociedade civil sobre políticas públicas de cuidado integral da casa comum.

Sim, 191; sim com reservas, 10; não, 11; brancos e nulos, 01.

68 Motivar a celebração de datas/semanas comemorativas para refletir sobre o cuidado integral com a casa comum, como o “dia do cuidado com a Criação”, com ações pastorais nas comunidades.

Sim, 189; sim com reservas, 13; não, 07; brancos e nulos, 04.

Paróquia acolhedora e Missionária: Comunidade de Comunidades

69 Ir ao encontro das pessoas, como Igreja em saída, nas diversas realidades pessoais e sociais, acolhendo-as na comunidade da Igreja.

Sim, 206; sim com reservas, 02; não, 03; brancos e nulos, 02.

70 Formar e fortalecer a consciência missionária do Povo de Deus, a começar pelas lideranças pastorais.

Sim, 200; sim com reservas, 10; não, 01; brancos e nulos, 02.

71 Organizar a paróquia como comunidade de comunidades eclesiais missionárias, em vista de uma Igreja sinodal, acolhedora e em saída.

Sim, 194; sim com reservas, 12; não, 05; brancos e nulos, 02.

72 Organizar e promover a vida eclesial em pequenos grupos, fortalecendo o sentimento de pertença, a começar pela família.

Sim, 189; sim com reservas, 16; não, 06; brancos e nulos, 02.

73 Promover a constante conversão das estruturas paroquiais e pastorais já existentes, para facilitar o acolhimento e a inserção das pessoas em comunidades vivas e outras organizações em comunhão com a Igreja.

Sim, 203; sim com reservas, 07; não, 01; brancos e nulos, 02.

Animação Missionária de toda a Comunidade Eclesial

74 Revisitar e resgatar a experiência da atividade denominada “Missão do Povo de Deus”, da década de 1970, do início do ministério episcopal de D. Paulo Evaristo Arns, como inspiração para uma prática missionária voltada à metrópole nos dias de hoje.

Sim, 175; sim com reservas, 11; não, 25; brancos e nulos, 02.

75 Promover a vocação missionária de leigos e leigas, para atuar na evangelização da área da sua comunidade eclesial, articulando

os organismos sociais no âmbito da educação, da saúde, do lazer, da atividade econômica e política.

Sim, 192; sim com reservas, 12; não, 07; brancos e nulos, 02.

76 Organizar a formação dos leigos e leigas e do clero com base nas propostas sinodais.

Sim, 203; sim com reservas, 04; não, 05; brancos e nulos, 01.

77 Mapear as forças vivas das comunidades eclesiais, cultivando uma espiritualidade missionária e uma metodologia articulada pela comissão missionária arquidiocesana.

Sim, 194; sim com reservas, 09; não, 08; brancos e nulos, 02.

78 Articular melhor a ação missionária dos Institutos de vida consagrada missionária e das instituições missionárias, na Arquidiocese, com a ajuda da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB).

Sim, 197; sim com reservas, 07; não, 09; brancos e nulos, 00.

Organização pastoral da Arquidiocese no seu conjunto

79 Rever e atualizar o Diretório dos Setores, tendo em vista a clareza da função do Setor como instância de organização pastoral.

Sim, 203; sim com reservas, 06; não, 03; brancos e nulos, 01.

80 Cultivar o sentimento de pertença dos fiéis à Igreja pelo Batismo e a corresponsabilidade deles na vida e missão da Igreja.

Sim, 205; sim com reservas, 04; não, 03; brancos e nulos, 01.

81 Promover a organização pastoral e a formação cristã permanente do Povo de Deus na comunhão, conversão e renovação missionária.

Sim, 205; sim com reservas, 03; não, 04; brancos e nulos, 01.

82 Reorganizar os setores pastorais, visando a criação de foranias.

Sim, 168; sim com reservas, 24; não, 19; brancos e nulos, 02.

Evangelização Missionária através da Comunicação

83 Implementar a pastoral da comunicação, mediante um plano de comunicação integrada, que favoreça a comunhão e a articulação dos diferentes âmbitos da arquidiocese de São Paulo,

bem como o diálogo da Igreja com a sociedade.

Sim, 205; sim com reservas, 04; não, 03; brancos e nulos, 01.

84 Potencializar a celebração do Dia Mundial das Comunicações Sociais, visando também o diálogo com todas as organizações de comunicação católicas e a grande imprensa.

Sim, 194; sim com reservas, 07; não, 11; brancos e nulos, 01.

85 Investir na formação e educação para a comunicação dos agentes de pastoral e demais membros da Igreja, a fim de criar a consciência de que a comunicação é um “eixo transversal” de toda a ação missionária da Igreja.

Sim, 202; sim com reservas, 06; não, 05; brancos e nulos, 00.

86 Conscientizar sobre a necessidade de investimentos nos meios e na formação dos agentes de comunicação da Igreja em todos os âmbitos eclesiais.

Sim, 197; sim com reservas, 09; não, 05; brancos e nulos, 02.

87 Promover a sinergia entre as comunidades e organizações eclesiais para que os meios de comunicação da Arquidiocese sejam expressão da vida e da missão da Igreja, na cidade de São Paulo.

Sim, 204; sim com reservas, 05; não, 03; brancos e nulos, 01.

88 Criar um observatório católico da mídia, como espaço multidisciplinar de reflexão e diálogo entre estudiosos, profissionais da comunicação e agentes da Igreja, sobre a incidência da comunicação na vida da sociedade a partir de uma perspectiva cristã.

Sim, 199; sim com reservas, 05; não, 09; brancos e nulos, 00.

Evangelização Missionária através da Educação

89 Promover e cultivar a identidade e o carisma das escolas e instituições educativas católicas, mediante a integração entre o âmbito pedagógico e a pastoral, para que a atividade pedagógica seja reflexo da missão evangelizadora.

Sim, 200; sim com reservas, 08; não, 04; brancos e nulos, 01.

90 Promover a presença dos representantes da Igreja (bispos, párocos, diáconos, religiosos e religiosas e agentes de pastorais) nas instituições educativas.

Sim, 195; sim com reservas, 14; não, 03; brancos e nulos, 01.

91 Envolver as famílias das escolas católicas em ações sociais e evangelizadoras.

Sim, 205; sim com reservas, 05; não, 03; brancos e nulos, 00.

92 Promover e apoiar a formação permanente de educadores que assumam o ensino religioso em instituições públicas e privadas de educação, conforme diretrizes do Dicastério para a Cultura e Educação e o Pacto Educativo Global.

Sim, 195; sim com reservas, 11; não, 07; brancos e nulos, 00.

93 Implementar a acessibilidade arquitetônica e comunicacional, como o curso de Libras, entre outros, em escolas católicas, paróquias e demais ambientes eclesiais.

Sim, 202; sim com reservas, 05; não, 04; brancos e nulos, 02.

94 Apoiar um projeto de lei que assegure a remuneração das aulas de ensino religioso nas escolas públicas.

Sim, 180; sim com reservas, 13; não, 20; brancos e nulos, 00.

Evangelização Missionária na Área da Saúde e em situações de enfermidade e luto.

95 Criar o Vicariato da Saúde, para organizar, articular e animar as ações pastorais na área da saúde e assistência aos enfermos.

Sim, 190; sim com reservas, 11; não, 11; brancos e nulos, 01.

96 Instruir ministros extraordinários da Sagrada Comunhão, para atuarem na Pastoral da Saúde.

Sim, 192; sim com reservas, 15; não, 04; brancos e nulos, 02.

97 Criar capelarias nos hospitais e marcar presença da Igreja nos asilos e casas de repouso.

Sim, 202; sim com reservas, 04; não, 06; brancos e nulos, 01.

98 Incentivar e ampliar a atuação de ministros das exéquias nas capelas mortuárias e cemitérios, bem como o acompanhamento das pessoas enlutadas.

Sim, 205; sim com reservas, 00; não, 06; brancos e nulos, 02.

99 Fomentar e apoiar boas políticas públicas de saúde e incentivar a participação ativa dos católicos nos conselhos paritários, na proposição e discussão de políticas públicas afins.

Sim, 205; sim com reservas, 01; não, 07; brancos e nulos, 00.

100 Promover e testemunhar a ética da vida nos meios familiar, hospitalar, prisional, escolar e comunitário.

Sim, 205; sim com reservas, 01; não, 06; brancos e nulos, 01.

Organismos de comunhão e de serviço da Arquidiocese

101 Manter equipes de administração em cada região episcopal, com profissionais de diversas áreas para auxiliar as paróquias a cumprirem seus objetivos específicos.

Sim, 202; sim com reservas, 03; não, 07; brancos e nulos, 01.

102 Promover a transparência na vida econômica dos vários organismos da Arquidiocese: Cúria, regiões episcopais, setores e pastorais; promover reuniões e assembleias com os membros dos conselhos econômicos, párocos e outros responsáveis pela administração.

Sim, 206; sim com reservas, 02; não, 04; brancos e nulos, 01.

103 Promover a partilha e a equidade econômica entre as paróquias da Arquidiocese e a orientação econômico-administrativa para os bens da Igreja e o dízimo.

Sim, 204; sim com reservas, 04; não, 05; brancos e nulos, 00.

104 Promover a acolhida nos departamentos da Cúria, assegurando a todos acesso aos seus serviços.

Sim, 202; sim com reservas, 07; não, 03; brancos e nulos, 01.

105 Capacitar profissionalmente os servidores da Cúria, bem como sua assistência religiosa, espiritual e humana.

Sim, 206; sim com reservas, 05; não, 01; brancos e nulos, 01.

Organização Econômica

106 Criar a Comissão dos Bens Culturais e Patrimoniais da Arquidiocese e uma pastoral dos bens culturais e patrimoniais da Igreja.

Sim, 203; sim com reservas, 05; não, 04; brancos e nulos, 01.

107 Promover nas regiões episcopais a proximidade dos departamentos de arquitetura e jurídico.

Sim, 201; sim com reservas, 07; não, 04; brancos e nulos, 01.

108 Promover a formação do clero para o zelo pelos bens culturais da Igreja e separar a gestão econômica das paróquias e suas obras sociais.

Sim, 200; sim com reservas, 07; não, 04; brancos e nulos, 02.

109 Inventariar os bens móveis e imóveis da Mitra Arquidiocesana de São Paulo e promover a transparência do uso desses bens.

Sim, 203; sim com reservas, 04; não, 04; brancos e nulos, 02.

110 Promover, anualmente, o planejamento estratégico econômico e financeiro nas paróquias, levando em conta a solidariedade entre elas; promover a formação de equipes do dízimo em nível arquidiocesano, regional e setorial.

Sim, 198; sim com reservas, 06; não, 06; brancos e nulos, 03.

111 Rever, atualizar e adequar o Plano de Manutenção da Arquidiocese de São Paulo.

Sim, 198; sim com reservas, 08; não, 04; brancos e nulos, 03.

Interlocução da Igreja com os construtores da sociedade e com o pluralismo urbano

112 Favorecer processos de aprendizagem em relação ao conhecimento da fé e formar para o diálogo.

Sim, 193; sim com reservas, 10; não, 08; brancos e nulos, 02.

113 Promover ocasiões e convidar para diálogos sobre a fé cristã nos ambientes universitários ligados à Igreja, despertando o laicato à participação na política partidária com o objetivo de contribuir na construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Sim, 190; sim com reservas, 08; não, 15; brancos e nulos, 00.

114 Valorizar e apoiar as Comunidades Eclesiais de Base, a pastoral da cultura e do mundo do trabalho, as pastorais sociais (fé e política, fé e cidadania, carcerária, operária, afro, da criança, da pessoa idosa, Caritas, ecológico-ambiental) e, conseqüentemente, leigos e leigas que nelas atuam, como construtores da sociedade.

Sim, 179; sim com reservas, 16; não, 16; brancos e nulos, 02.

115 Criar, na Arquidiocese, uma comissão multidisciplinar para elaborar propostas de políticas públicas para a educação, saúde,

esportes e sobre os problemas que afligem, crianças, jovens, adultos e idosos.

Sim, 193; sim com reservas, 08; não, 12; brancos e nulos, 00.

Diálogo Ecumênico e Inter-Religioso

116 Criar e fortalecer a formação para o diálogo ecumênico e inter-religioso nos diversos âmbitos (familiar, comunitário, catequese, escolas, faculdades, seminários, grupos, movimentos, pastorais), enfatizando sua transversalidade em todas as dimensões eclesiais.

Sim, 203; sim com reservas, 06; não, 03; brancos e nulos, 01.

117 Promover o respeito às expressões religiosas diversas da nossa e uma comissão permanente de diálogo e estudo de outras religiões.

Sim, 198; sim com reservas, 07; não, 07; brancos e nulos, 01.

118 Inserir-se na cidade plural, por meio da participação em grupos e com pessoas sensibilizadas para a ação social, artística e musical, cuidando do ambiente e dos direitos humanos, com vista à promoção da convivência fraterna.

Sim, 194; sim com reservas, 08; não, 11; brancos e nulos, 00.

ORAÇÃO DO SÍNODO ARQUIDIOCESANO

Divino Espírito Santo,
vós sois a alma da Igreja e renovais a face da terra.
Vinde em nosso auxílio na realização do primeiro
sínodo arquidiocesano de São Paulo.
Renovai em nós a fé, a esperança e a caridade;
animai-nos com um vivo ardor missionário
para o testemunho do Evangelho nesta cidade imensa.
Seguindo o exemplo de Maria, Mãe da Igreja,
do apóstolo São Paulo, Patrono de nossa Arquidiocese,
de São José de Anchieta, Santa Paulina e
Santo Antônio de Sant'Anna Galvão,
dos bem-aventurados Padre Mariano e Madre Assunta
e dos santos Padroeiros de nossas comunidades,
sejamos também nós ardorosos
discípulos-missionários de Jesus Cristo para que, nele,
todos tenham vida em abundância.
Divino Espírito Santo, iluminai-nos. Amém!

Oração a São Paulo Apóstolo

Patrono da Arquidiocese



✚ Ó São Paulo,
Patrono de nossa Arquidiocese,
discípulo e missionário de Jesus Cristo:
ensina-nos a acolher a Palavra de Deus
e abre nossos olhos à verdade do Evangelho.
Conduze-nos ao encontro com Jesus,
contagia-nos com a fé que te animou
e infunde em nós coragem e ardor missionário,
para testemunharmos a todos que
Deus habita esta Cidade imensa
e tem amor pelo seu povo!
Intercede por nós e pela Igreja de São Paulo,
ó santo apóstolo de Jesus Cristo! Amém.